

Pessoas que eram coisas que eram pessoas

As mãos estão cheias de tinta,
A roupa está cheia de tinta,
A sala cheira à tinta,
E nós... em outro mundo.
Outro. Não por nunca ter existido.
Outro. Não por estar no passado.
Outro; por ser brilhante, seguro, conhecido, percorrido por outras pessoas e as
mesmas que estão diante de nós.
Outro. Outros. Nós.

A pintura, per si, é um objeto de Arte; é vista e reconhecida como Arte. Pois na pintura, habita o distanciamento prático, se aplica teorias e se agrega valores criados por relações. Uma pintura nunca é só uma pintura.

O ato de pintar, ainda nesse movimento, não é gratuito, é pensado, é uma proposta, um convite ou um texto. É um sim enorme cercado de muitos não. Contrário de uma ilusão, a pintura é um testemunho prático, mastigado, dançado, respondido, físico e mental.

E o pintor, ele em todo seu corpo, se coloca para um jogo, que, proposto por ele ou não, já está ganho.

Ele termina a pintura no meio do pensamento. Pintura como forma de conhecimento, como forma de aprendizagem e como uma estrutura pedagógica possível.

Mas aqui, um fato: Não se trata de um texto apenas sobre pintura, não é uma visão distanciada de um todo. É sim, especificamente, sobre as pinturas de Elian Almeida. Este é o pintor. Tudo está preparado... o que fazer com isso?

É importante se perceber que, em um espaço que já teve imensas suspensões, memórias futuras e presentes, este trabalho de Elian é um feitiço e um desafio. Estamos na galeria, na escola, na rua, dentro de nós mesmos nos reconhecendo ou não.

É feitiço, por ser defendida, por se acreditar nela. E, depois de passar por ela, pela pintura e por ele, não seremos as mesmas pessoas. Feitiço, por ter sido elaborado, construído, um ato cheio e cercado de intelectualidade. Feitiço de memória, para que lembremos.

E um desafio: desatar do lugar. Arte é território e linguagem. Construção de auto estima e verbo. Seu trabalho é constituinte dessa construção de auto percepção, íntima e pessoal, mas, na mesma espiral, coletiva.

E nada disso em silêncio. Na frente da pintura, vemos, escutamos, sentimos e nos movemos.

Elian diz ter nascido duas vezes: no sequestro da população escravizada negra para o Brasil e no dia que saiu de sua mãe. E os dois nascimentos têm a mesma localidade, estão no mesmo mapa, marcado pela flecha do tempo com séculos de diferença. E este conhecimento, de nascer e nascer, pode permitir que ele se reconheça e assim, consiga assumir a responsabilidade de ser este artista. E eu, posso me ver e sorrir.

Quem me fez coisa, foi alguém. Quem me faz pessoa sou eu mesma, junta com mais de mim, de eus e de nós.

Keyna Eleison